

Membro da Direcção Administrativa

P: De uma forma sucinta, faça, por favor, uma apresentação de si próprio.

R: Sou vogal da Direcção da Academia. Sou sócio há muitos anos. A minha filha frequenta a Academia desde os 6 anos e neste momento tem 15 anos, desde essa altura que sou sócio. Ela iniciou os estudos em Violino por sua livre e espontânea vontade. Frequenta o método Suzuki que é extremamente motivador para os alunos e para os pais. Recordo um dos primeiros professores que conseguiu pôr os pais a tocar violino num concerto. Isto foi extraordinário. Na mudança do método Suzuki para o método tradicional ela teve uma professora que a apoiou muitíssimo. Como esta professora teve de abandonar a escola o professor que a substituiu introduziu processos diferentes de ensino que não foram ao seu encontro. Nós próprios que assistíamos às aulas e acompanhávamos muito de perto o seu desenvolvimento deixámos de assistir e incompatibilizámo-nos com o professor. A menina aguentou até ao final do ano. Na altura falamos com a Directora Pedagógica que nos prometeu alterar o estado das coisas no ano seguinte. Assim aconteceu, a professora seguinte foi espectacular. A minha filha que andava desinteressada e desmotivada ganhou novo alento e chegava a casa maravilhada, contava tudo o que se passava nas aulas. Não há dúvida que o professor é um elemento essencial principalmente no ensino da música em que a relação professor/aluno é muito próxima, as aulas são individuais. Infelizmente que esta professora vai abandonar a escola no final do ano mas, em princípio vai regressar a anterior professora que já teve e de quem ela tanto gostava. Já está novamente animada e por aí está tudo bem.

P: No processo de comunicação com o director pedagógico/direcção pedagógica da escola, nomeadamente na transmissão das decisões da direcção administrativa, tem privilegiado os meios de comunicação

oral, incluindo nestes o telefone e as reuniões ou prefere a comunicação escrita, tais como normas, avisos ou circulares?

R: Relativamente a esse aspecto há um elemento da Direcção Pedagógica que está na Direcção o que facilita imenso a transmissão da informação. De qualquer modo todos os contactos, quer com a Câmara Municipal quer com outras entidades exteriores é tudo feito oficialmente, o mesmo se passa com os órgãos ou membros da escola. Inclusive, nenhum elemento da Direcção, individualmente, toma qualquer decisão à revelia da Direcção. Na área da gestão, temos um elemento, o Director Executivo, que se encarrega da gestão e faz a articulação entre a Direcção Administrativa e a Direcção Pedagógica e os funcionários. Esta instituição, pelo crescimento que teve, necessita de alguém a tempo inteiro, remunerado, na área da gestão administrativa, até pelas elevadas somas financeiras que movimenta e pelo número de pessoas que aqui trabalham. Se não tivesse uma pessoa qualificada nesta área, se calhar a escola retornaria a tempos que foram pouco agradáveis. Por isso, a nossa entrada na Direcção teve como objectivo terminar com o tipo de gestão que vinha sendo praticado que, segundo dizem, seria feita em cima do joelho, com amadorismo. O Director Executivo está mandatado para intervir, para dar ordens aos funcionários e também nos vai mantendo informados de tudo o que se passa na escola.

P: Com que periodicidade reúne a direcção?

R: Normalmente de quinze em quinze dias mas, ultimamente, temos reunido semanalmente, à 5ª feira ao fim da tarde.

P: Os contactos com o director pedagógico/direcção pedagógica da escola têm sido efectuados com que regularidade? Privilegia os contactos formais ou informais?

R: Não existe uma regularidade formal, as reuniões são mais pontuais. Como há um elemento da DP na Direcção, ao fim e ao cabo, torna-se o portador das decisões aqui tomadas, evitando-se assim a realização de mais reuniões.

P: A instituição que dirige tem concedido ao director pedagógico/direcção pedagógica poder para tomar decisões sem

qualquer reserva ou as decisões são sempre partilhadas com a direcção administrativa?

R: A DP tem as suas competências que estão legalmente previstas e realiza as suas reuniões. Desde que as suas decisões não interfiram com a nossa esfera, tem toda a autonomia. Naturalmente que a Direcção Pedagógica não pode assumir projectos que envolvam encargos financeiros incomportáveis para a Academia. Nesta situação, a DA tem que ser auscultada e tem que dar o devido aval. Se as decisões se enquadram na área estritamente pedagógica, como sejam projectos inovadores que pretendam atingir patamares de maior qualidade para a escola, naturalmente que aplaudimos essas iniciativas mas não interferimos, excepto se pedirem a nossa colaboração.

P: As decisões de âmbito pedagógico são competência estrita da direcção pedagógica?

R: Como disse, temos um grande respeito pelas competências de cada órgão e esse respeito é mútuo. Cada órgão sabe o lugar que ocupa.

P: Que autonomia tem sido concedida ao director pedagógico/direcção pedagógica relativamente à determinação das políticas da escola, à contratação de professores, à elaboração do plano de actividades, à aquisição de material didáctico para a escola?

R: No presente ano lectivo, quando tomamos posse, havia muita coisa que já estava decidida pela anterior Direcção, decisões que não podíamos alterar. Para o próximo ano temos um plano de trabalho de comum acordo com a DP. Tencionámos reunir com os professores e expor o que pretendemos. É claro que iremos estar atentos às opiniões dos professores, mas não queremos desviar-nos muito das linhas estabelecidas. A DA não interfere, como disse, nas decisões da DP. Quando os projectos apresentados envolvem recursos financeiros é óbvio que a DA tem que ser ouvida e dar a devida autorização. Como sabe nenhuma escola semelhante a esta vive em desafogo financeiro, antes pelo contrário.

P: A Direcção Administrativa da escola, nas decisões que toma, tem levado em consideração as propostas e os contributos de outros

actores ou tem convocado a si o poder de decidir unilateralmente? As regras são assumidas pacificamente e plenamente cumpridas ou são alvo de contestação?

R: Bom, em nenhuma circunstância a DA tem assumido posições unilaterais. Normalmente damos uma especial atenção à dimensão pedagógica da escola que é para nós essencial. Aliás a presente Direcção é presidida por uma professora da escola que, naturalmente é sensível aos aspectos pedagógicos. Sobre a aceitação das regras e das normas, por vezes nem sempre as nossas decisões são consensuais. Procuramos que vão ao encontro da maioria mas, não temos a pretensão de que todos aceitem pacificamente. Agora, não permitimos que cada um aja à sua maneira. A escola tem que preservar a sua imagem e tem de mostrar que existe uma liderança.

P: Para qualquer decisão da direcção administrativa relativa ao funcionamento da escola o director pedagógico/direcção pedagógica tem sido sempre previamente auscultado? E os professores? E o pessoal administrativo e auxiliar?

R: Se as decisões que estão em discussão são de âmbito meramente pedagógico ou influem directa ou indirectamente nessa área, privilegiamos o parecer da DP. Por norma nunca passámos por cima das atribuições de cada um. O mesmo se passa com os restantes elementos. A nossa actividade tem sempre como ponto principal a defesa da instituição e, nesse sentido, tudo faremos para a preservar.

P: Na escola tem prevalecido o consenso entre os actores ou verificam-se outras situações em que pessoas e/ou grupos de pessoas como o “colégio de professores” lutam por mais poder e mais regalias?

R: Por vezes acontece que determinadas pessoas ou grupos reivindicam mais e melhores condições, o que é normal. Como se verifica em qualquer organização nem todas as pessoas se sentem igualmente satisfeitas com o que têm. À Direcção não têm chegado repercussões de situações conflituosas oriundas de pessoas ou grupos. No entanto, sabemos que a DP por vezes, é confrontada com algumas situações pontuais que tem sabido

resolver a contento. Quanto à luta por mais poder, é natural que as pessoas se sintam por natureza insatisfeitas. Os professores mais antigos da escola são mais pacíficos, certamente porque conhecem as dificuldades que são de sempre; os professores mais recentes na escola talvez sejam mais reivindicativos e insatisfeitos. Mas no conjunto todos trabalham para o mesmo objectivo que é a qualidade da escola e a preservação da sua imagem.

P: Como vê a participação de actores externos na constituição dos órgãos de direcção da escola, como por exemplo os pais?. A sua participação não é vista também como uma forma da escola minimizar a conflitualidade e de exercer maior controlo organizacional?

R: Como pode verificar, nos órgãos sociais da Academia os encarregados de educação estão representados em grande número. Infelizmente nem sempre os pais participam assiduamente nas reuniões efectuadas na escola onde se debatem os assuntos de maior importância não porque revelem menos interesse mas por uma certa comodidade. Há pessoas que preferem ficar do lado de fora e delegar noutros a sua representatividade. Há também quem pense que determinados lugares são predestinados para certas pessoas. Por estas razões não tem sido fácil cooptar pessoas para integrar os órgãos sociais da escola, trazê-las para o centro da discussão. A participação dos pais é, em meu entender, vantajosa e útil para a escola e para os professores. Naturalmente que a participação dos pais concede uma maior legitimidade à escola, dá-lhe uma maior relevância e autoridade até na própria disputa com outras instituições quer públicas quer privadas incluindo nestas os organismos públicos que a tutelam. Os pais estando dentro da organização têm condições para estarem mais informados e por conseguinte melhor defenderem os seus propósitos. Muitas vezes são os próprios pais entre eles que medeiam situações mais conflituosas e esclarecem as pessoas.

P: De que modo a escola se interrelaciona com outras instituições do meio? As exigências políticas e culturais do meio institucional influenciam o desempenho organizacional da escola?

R: Infelizmente não há uma grande ligação entre a escola e as outras instituições, não porque a escola tenha qualquer responsabilidade nisso mas por razões que não são fáceis de identificar. Com a autarquia a escola tem boas relações e tem existido uma boa colaboração. Há projectos que são apoiados pela autarquia e até, como é o caso da Orquestra de Jovens a autarquia assumiu a si todo o projecto que foi uma iniciativa desta Academia e depois o alargou a todo o concelho. Com outras instituições a Academia sempre que é solicitada procura responder positivamente mas reconheço que não tem havido parte a parte tantas iniciativas como as que seriam desejáveis. É algo que teremos de repensar para o futuro.

P: De que modo a intervenção das estruturas do ME interfere na vida da escola? A autonomia atribuída à escola é suficiente ou contribui para a sua ineficácia e ineficiência?

R: Autonomia sem recursos parece-me inviável e por essa razão as estruturas do ME terão pouca legitimidade para exigir seja o que for à escola. A escola procura organizar-se conforme os requisitos legais respeitando as normas estabelecidas. No nível pedagógico a escola observa o cumprimento de programas, o processo de avaliação, os procedimentos relativos à contratação de professores e suas habilitações. A nível administrativo damos plena satisfação às exigências impostas como a apresentação das contas de gestão, orçamento e balancetes trimestrais.

P: Numa palavra ou numa expressão dê uma imagem que identifique a escola? Ela será um teatro, uma arena política, um mercado educativo?

R: Não me parece que esta escola se possa identificar com um teatro pois o que representa é algo de muito concreto e objectivo. Por vezes há alguns dramas que são muito reais. Também não vejo que seja uma arena política. Aqui não se proporcionam querelas partidárias nem se intrometem projectos políticos. Isso seria o princípio do fim. Privilegiamos a obtenção de consensos no pleno respeito pelas ideologias de cada um; o que nos move é a defesa da escola. Se é um mercado educativo, bom a escola insere-se num meio onde existem mais escolas a disputar o mesmo espaço e, nesse sentido, tem de apresentar perante o meio resultados que a identifiquem

como uma escola de qualidade, mas identificar a escola como um mercado não me parece uma boa imagem pelo tom depreciativo que a própria palavra comporta. A escola nos últimos tempos tem vindo a desenvolver um processo de renovação que lhe devolva o prestígio que já teve e que desbaratou. Parece-me que as medidas implementadas são as mais indicadas e que darão a curto prazo resultados satisfatórios. Assim, prefiro para a escola uma visão de futuro uma imagem mais consentânea com aquilo que a escola foi, com as suas raízes e com aquilo que se pretende que seja. Não me é fácil no imediato vislumbrar uma imagem que represente tudo isto mas há um processo de modernização em causa. Disso não tenho dúvidas.

Muito obrigado pela sua colaboração!

Agostinho Vieira, Junho/2003